



[Atribuição BB CY 4.0](#)

Educação antirracista e educação midiática: cruzamentos possíveis com mídia e literatura negra nas aulas de Língua Inglesa

Maeles Carla Geisler¹
Sandro Lauri da Silva Galarça²

Resumo

Os espaços privilegiados na mídia reproduzem conceitos racistas, o que exige do educador ações efetivas para combatê-los. Este artigo tem como objetivo debater acerca das contribuições de uma educação antirracista nas aulas de língua inglesa, por meio da mídia e da literatura negra e os cruzamentos possíveis da educação midiática com a educação antirracista. A pesquisa baseia-se num relato de experiência entrelaçando pressupostos de teóricos da educação (Freire, 1980; 2018; 2019; 2024), da mídia (Jenkins, 2022), da luta antirracista (Cavalleiro, 2024; Ribeiro, 2018), entre outros. As práticas educativas, antirracista e para a mídia, se complementam e são estratégicas na luta antirracista quando se utilizam dos veículos de comunicação que exercem forte influência na sociedade contemporânea para difundir e trabalhar a literatura produzida por autores e autoras negras que são invisibilizados no cenário cultural.

Palavras-chave

Educação antirracista; Literatura negra; Mídia.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Regional de Blumenau (PPGE/FURB). E-mail: maelesgeisler79@gmail.com

² Doutor em Teoria Literária (UFSC). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Regional de Blumenau (PPGE/FURB). E-mail: sgalarca@furb.br

Recebido em: 22/03/2025
Aprovado em: 09/09/2025

Anti-racist education and media education: possible intersections with media and black literature in English language classes

Abstract

Privileged spaces in the media reproduce racist concepts, which requires educators to take effective action to combat them. The aim of this article is to discuss the contributions of anti-racist education in English language classes, through the media and black literature and the possible intersections between media education and anti-racist education. The research is based on an experience report interweaving assumptions from education theorists (Freire, 1980; 2018; 2019; 2024), the media (Jenkins, 2022), the anti-racist struggle (Cavalleiro, 2024; Ribeiro, 2018), among others. Educational, anti-racist and media practices, complement each other and are strategic in the anti-racist struggle when they use media outlets that exert a strong influence on contemporary society to disseminate and work on literature produced by black authors who are invisible on the cultural scene.

482

Keywords

Anti-racist education; Black literature; Media.

Com o avanço das reflexões críticas sobre as relações étnico-raciais e o racismo globalmente, especialmente com as contribuições dos intelectuais dos estudos críticos da branquitude, que colocam o indivíduo branco no foco do debate na luta antirracista, emerge a questão de como o branco pode contribuir para a elaboração de teorias pedagógicas que fomentem a transformação da sociedade, da cultura e das relações étnico-raciais, em oposição à pedagogia da branquitude (Julio, 2021). Para Ribeiro (2018, p. 106) “passou da hora de as pessoas brancas realmente se posicionarem contra o racismo. Elas não podem mais se comportar como sinhás e senhores contemporâneos, que ainda nos querem no lugar determinado para nós”. Um lugar que com enfrentamento constante e resistência está sendo modificado e exige da sociedade branca um posicionamento firme para agir em prol de pessoas que sofrem com o preconceito racial.

Para assumir o posicionamento contra o racismo, este artigo traz um relato de experiência de aulas ministradas com a literatura negra, com o conto “*Girl*”, de Jamaica Kincaid, aliado à mídia, o *audiobook* (Mary, 2018) da história, fazendo parte de outros materiais elaborados para práticas antirracistas. A pesquisa tem como objetivo debater acerca das contribuições de uma educação antirracista nas aulas de língua inglesa por meio da mídia, unindo assim, a educação midiática à educação antirracista. Ela visa responder ao questionamento: quais fatores podem ser desenvolvidos nos estudantes ao utilizarem a mídia e a literatura negra de forma antirracista promovendo uma educação midiática através de práticas antirracistas?

Por meio de um relato de experiência com práticas pedagógicas antirracistas, são conectadas pressuposições de teóricos da educação (Freire, 1980; 2018; 2019; 2024), da mídia (Belloni, 2009; Jenkins, 2022), da luta antirracista (Cavalleiro, 2024; Ribeiro, 2018), entre outros. No primeiro momento é apresentado o relato com a experiência das aulas, logo após, na segunda parte, são tecidas relações e cruzamentos da educação midiática e da educação antirracista com o uso da mídia para combater o racismo e, por fim, as considerações.

Relato de experiência

Para a diminuição dos discursos de ódio e frequentes ataques racistas na instituição de ensino, elaborou-se materiais para práticas antirracistas. Dentre eles, uma sequência didática com o conto “*Girl*”, da escritora negra Jamaica Kincaid, utilizando o texto literário e o *audiobook* (Mary, 2018) disponível na plataforma do YouTube. Dessa forma, cumpriu-se a lei 10.639/03, que contempla a educação para as relações étnico-raciais em todos os componentes curriculares, inclusive na língua inglesa, incentivando o uso de literaturas publicadas em língua inglesa de autoria negra.

A aplicação da sequência didática ocorreu nos primeiros, segundos e terceiros anos do ensino médio, em escola pública, nos anos de 2023 e 2024, compreendendo uma pequena biografia da autora, a procura no mapa do seu país de origem, Antígua e Barbuda, com a contextualização do processo de colonização, de independência do país e as consequências desse processo como, por exemplo, a língua inglesa falada no país, o texto do conto e o *audiobook* (Mary, 2018). O conto foi segmentado e distribuído entre os grupos, que realizaram a leitura e discutiram entre si. Posteriormente, toda a turma participou de uma conversa sobre a história. Em seguida, os alunos ouviram o *audiobook* do conto e foi realizada uma discussão final. A seguir, apresentam-se as etapas da sequência didática no quadro abaixo:

Quadro 1 – Etapas da sequência didática

Etapas	Atividades realizadas
Momento 1 (1 hora-aula)	Explanação sobre a colonização em Antígua e Barbuda e suas consequências; Localização do país Antígua e Barbuda no mapa (projetado na tela); Leitura de uma breve biografia da autora (projetado na tela).
Momento 2 (2 horas-aula)	Divisão dos estudantes em grupos; Entrega de partes do conto aos grupos para leitura e tradução (impresso).
Momento 3 (2 horas-aula)	Socialização das partes do conto traduzidas; Escuta do <i>audiobook</i> do conto acompanhando o texto na íntegra (projetado na tela); Discussão com os estudantes.

Fonte: A autora (2025)

Durante os debates em sala sobre a narrativa e sua protagonista, surgiram diferentes pontos de vista, incluindo manifestações racistas e machistas, bem como reflexões contrárias a essas visões, destacando a importância de dar voz a autores negros.

Os estudantes que participaram das aulas alegaram não conhecer a autora do conto, Jamaica Kincaid, e também declararam não conhecer autores negros. Apenas um estudante mencionou conhecer um autor negro, o francês Alexandre Dumas, autor da obra “Os Três Mosqueteiros”, por tê-la estudado em outro componente curricular. Isso sinaliza que as obras de autoras e autores negros são pouco abordadas nas escolas.

A maioria dos estudantes teve, pela primeira vez, contato com um texto literário escrito por uma autora negra. No conto “*Girl*”, de Kincaid (2007), são abordadas questões de gênero, raça e colonialismo, trazendo uma reflexão sobre a condição da mulher na sociedade e o silêncio imposto àqueles que sofrem opressão. Esses temas são fundamentais para o debate e o enriquecimento cultural, permitindo que os alunos do ensino médio reflitam sobre si mesmos e suas relações com os outros.

Durante as discussões promovidas a partir da leitura do conto, os estudantes refletiram sobre a opressão vivida pela personagem feminina, imposta por outra mulher que reproduzia normas de conduta baseadas em padrões de gênero. Tal situação provocou indignação entre os jovens, gerando um debate crítico sobre a permanência dessas práticas em seus próprios contextos sociais, especialmente no âmbito familiar e entre seus pares.

Além dessa sequência didática são utilizados outros conteúdos midiáticos antirracistas nas aulas de língua inglesa, como um vídeo sobre o movimento “*Black lives matter*”, problematizando a morte de George Floyd, o filme “*Half of a yellow sun*” que conta a história da guerra civil da Nigéria, o vídeo da entrevista com William Kamkwamba e a história dele “*The boy who harnessed the wind*”, entre outros conteúdos que estão sendo produzidos com o intuito de combater o racismo valorizando a história, a cultura e a produção artística e científica da população negra.

De acordo com o Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense, é fundamental elaborar materiais didático-pedagógicos que integrem a diversidade étnico-racial no ambiente escolar, promovendo o reconhecimento e a valorização dos diferentes saberes e

expressões culturais (Santa Catarina, 2019), o que faz ser imprescindível haver políticas públicas para a criação desses materiais e não ser apenas uma ação isolada de educadores que sozinhos preparam conteúdos antirracistas. Os professores normalmente atuam com uma carga horária excessiva e exaustiva e encarregar apenas esses profissionais para elaborarem suas práticas e conteúdos para a educação das relações étnico-raciais torna pouco provável que elas aconteçam. O poder público precisa dar suporte e criar incentivos para a criação de materiais antirracistas em todos os componentes curriculares, inclusive na língua inglesa.

A lei 10.639/03 da educação para as relações étnico-raciais

A educação para as relações étnico-raciais é lei e consta na LDB (Lei de Diretrizes Bases) da educação, como a lei 10.639 de 2003, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica em todos os componentes curriculares (Brasil, 2023). Essa é uma reivindicação da comunidade afro-brasileira “por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos” (Brasil, 2004, p. 11). Em março de 2008, a lei 11.645 alterou a lei 10.639/03 para a inclusão da história e cultura indígena:

o conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (Brasil, p. 23, 2023).

O Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense reconhece que “a escola apresenta e representa o racismo estrutural e institucional, que mantém os privilégios da população branca presentes no currículo” e que diante disso é um desafio para os educadores efetuarem práticas pedagógicas para “assegurar o respeito, o reconhecimento, o protagonismo e a valorização étnico-racial dos afrodescendentes e indígenas no ambiente escolar” (Santa Catarina, 2019, p. 34).

No currículo de Língua Inglesa, são considerados fundamentais os conhecimentos sobre os processos históricos de resistência negra promovidos pelos africanos escravizados no Brasil, em Santa Catarina e em países de língua

inglesa, bem como a luta de seus descendentes na atualidade. Esses conteúdos são essenciais para o enfrentamento do racismo. Além disso, destaca-se a importância da adoção de estratégias pedagógicas que valorizem a diversidade, com o objetivo de superar as desigualdades étnico-raciais presentes na educação brasileira em seus diversos níveis de ensino (Santa Catarina, 2019).

A presente pesquisa, se baseia em relatar e discutir a estratégia pedagógica utilizada nas aulas de língua inglesa, que é a seleção de um conto de autoria negra feminina para trabalhar em sala de aula aliado ao *audiobook* disponibilizado na plataforma do YouTube. Esta estratégia tem o intuito de diminuir as desigualdades étnico-raciais na educação, atuando como uma prática antirracista.

Para dar um suporte e norte aos educadores, aos administradores dos sistemas de ensino, aos estabelecimentos de ensino, a todos envolvidos em programas educacionais e aos demais que queiram dialogar com a educação no que diz respeito às relações étnico-raciais, criou-se em 2004 as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. O documento expõe detalhes importantes para o conhecimento dos profissionais da educação para o cumprimento da lei 10.639/03, para a promoção da igualdade racial, à formação da cidadania para a construção social justa, igualitária e democrática. Ele trata “política particular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas de realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros” (Brasil, 2004, p. 10), para que todos os descendentes e povos africanos, indígenas, europeus, asiáticos igualmente valorizem sua identidade e tenham a garantia de seus direitos.

Dada a relevância das diretrizes das relações étnico-raciais, é imprescindível cursos de formação para os educadores e envolvidos nos sistemas de educação para conhecimento e estudo desse documento para desenvolver práticas antirracistas nas escolas, assim como a fiscalização do cumprimento da aplicação da lei 10.639/03 nas salas de aulas em todos os componentes curriculares. Dessa forma, serão formados cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial e mais propícios a conviver com as diferenças.

A literatura negra como prática antirracista

De acordo com bell hooks (2017), a educação como prática de liberdade, conforme defendida por Freire, representa um método de ensino acessível a todos. Essa abordagem valoriza o desenvolvimento integral do aprendiz, promovendo um crescimento mais profundo e significativo. A renovação no ensino possibilita romper com padrões estabelecidos, trazendo espaço para outras perspectivas que vão além das limitações impostas e do pensamento fatalista criticado por Freire. É fundamental estimular o pensamento crítico e assumir a responsabilidade ética como educadores, visando a emancipação intelectual dos estudantes (Freire, 2018; Hooks, 2017).

Em sala de aula, o texto literário age combatendo diversas raízes do racismo, a literatura se apresenta “rebelde” ao que está imposto, como é o caso da discriminação, que é tido como algo normalizado. Para Freire (2019), contra o racismo é preciso se rebelar, “a minha rebeldia contra toda espécie de discriminação, da mais explícita e gritante à mais sub-reptícia e hipócrita, não menos ofensiva e imoral, me acompanha desde minha infância” (Freire, 2019, p. 199).

As práticas pedagógicas devem se basear em abordagens anticolonialistas que questionem o sexismo e o racismo, promovendo uma renovação educacional que possibilite formas de transgressão. Essa transgressão é essencial para transformar a educação em um instrumento de liberdade, reconhecendo que as sociedades foram e ainda são construídas de maneira antidialógica, sustentadas pela violência e pelo domínio da elite heteronormativa e branca (Hooks, 2017).

O conto “*Girl*” de Jamaica Kincaid, trabalhado em sala de aula é uma história de um único parágrafo, algo que lhe é peculiar em se tratando de um conto, na qual a mãe ou responsável pela jovem detalha como a garota precisa se comportar. “Lava a roupa branca na segunda-feira e põe-na no monte de pedra; lava a roupa de cor na terça-feira e põe-na no varal para secar; não andes de cabeça descoberta ao sol quente³” (Kincaid, 2000, p. 3). O texto nos transporta para um período passado, entretanto, ainda preserva aspectos marcantes sobre o papel da mulher na atualidade. “Põe de molho os teus paninhos logo depois de os

³ Tradução (Ramos, 2007): “Wash the white clothes on Monday and put them on the stone heap; wash the color clothes on Tuesday and put them on the clothesline to dry; don’t walk bare head in the hot sun”

tirares; quando comprares algodão para fazeres uma blusa bonita, certifica-te de que não tem goma, porque assim não aguenta bem depois de uma lavagem⁴” (Kincaid, 2000, p. 3, tradução Ramos, 2007).

No conto, a filha ocupa a posição de quem sofre a opressão sem oferecer resistência, enquanto a mãe perpetua um discurso sexista. A narrativa reflete e questiona o papel da mulher na sociedade, evidenciando padrões de comportamento impostos às jovens, que podem estar ligados tanto às memórias da autora quanto à experiência de muitas mulheres ainda hoje. Em um momento específico, a mãe emprega uma expressão ofensiva para descrever a atitude da filha. Por meio de sua voz feminina e negra, Kincaid transforma a história em um poderoso protesto contra a violência de gênero. De acordo com Kilomba (2019), citado por Cunha e Martins (2020), gênero e raça são discussões inseparáveis, “o gênero impacta a construção da raça e a experiência do racismo” (Kilomba, 2019, p. 94).

Educação midiática e educação antirracista: cruzamentos possíveis

Para transformar os estudantes em seres pensantes é indispensável utilizar as TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) de forma estratégica, para assim formar cidadãos “capazes de pensar com suas cabeças e de participar ativamente na construção de uma sociedade justa e democrática” (Martín-Barbero, 2014, p. 11). As TDICs, quando inseridas em sala de aula de forma articulada, corroboram efetivamente como “estratégias de conhecimento e não como meros instrumentos de ilustração ou difusão” (Martín-Barbero, 2014, p. 56). Atuar com práticas antirracistas por meio da mídia potencializa seus efeitos, pois utiliza os veículos de comunicação como estratégia de conhecimento, conforme apontado por Martín-Barbero (2014).

Adequar as práticas escolares de forma “que não se percam de vista as finalidades maiores da educação” que inclui a de “formar o cidadão competente para a vida em sociedade” com a “apropriação crítica e criativa de todos os

⁴ Tradução (Ramos, 2007): “Soak your little cloths right after you take them off; when buying cotton to make yourself a nice blouse, be sure that it doesn’t have gum in it, because that way it won’t hold up well after a wash”.

recursos técnicos à disposição desta sociedade” são atribuições que competem ao novo cenário da educação (Belloni, 2009, p. 4).

Construímos nossa “própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana”, e essa compreensão está no cerne da “produção coletiva de significados” (Jenkins, 2022, p. 32). Os significados são produzidos dentro de uma determinada cultura e com a influência de várias culturas, construímos sentidos em coletivo. De acordo com Hall (2016, p. 21), “damos sentido às coisas pelo modo como as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas”.

É por meio da linguagem que “pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura”, e a linguagem “se torna fundamental para os sentidos e para a cultura”, sendo peça central “de valores e significados culturais” (Hall, 2016, p. 18). Fazer parte de uma cultura é pertencer “ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele” (Hall, 2016, p. 43). Paulo Freire descreve a cultura e o agente transformador que o ser humano é nas suas experiências:

A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições “doadas” (Freire, 1980, p. 109).

A cultura na concepção freiriana não é algo doado, que já está dado de uma determinada forma. Ela sofre transformações com as interferências críticas e criadoras. Diversas mudanças são consequências das interações digitais e materiais do mundo físico, como a “produção coletiva de significados, na cultura popular, está começando a mudar o funcionamento das religiões, da educação, do direito, da política, da publicidade e mesmo do setor militar” (Jenkins, 2022, p. 30).

A tecnologia digital revolucionou antigas convenções e sua inserção na sociedade pós-moderna acompanha e protagoniza juntamente com a ação humana, transformações em diversas esferas sociais, incluindo as instituições de ensino e a forma como os estudantes aprendem. Os estudantes são diariamente

influenciados pelo mundo digital, especialmente pelas redes sociais digitais, e de acordo com Belloni (2009) eles frequentemente se desconectam da realidade física e socioafetiva ao seu redor para se conectar a uma dessas realidades virtuais. Cada vez mais muda a forma de participação em rede e conteúdos são produzidos por pessoas comuns que são consumidores de conteúdo e ao mesmo tempo são produtores, o que de acordo com Jenkins (2022, p. 205) “iria ocorrer como consequência inevitável da revolução digital: a tecnologia colocaria nas mãos de pessoas comuns [...] ferramentas de baixo custo e fáceis de usar”.

O educador precisa ter um posicionamento crítico e não ingênuo ao utilizar as TDICs, pois o deslumbramento só favorece a um “discurso ideológico bem coerente com os interesses da indústria do setor” (Belloni, 2009, p. 24). O exercício da cidadania implica em haver uma “educação para a mídia, buscando formar o receptor crítico, ativo, inteligente capaz de distanciar-se de mensagem midiática e exercer sobre ela seu poder de análise e crítica (Belloni⁵, 1995, p. 35 apud Belloni, 2009, p. 45).

Uma visão crítica da mídia faz com que o educador tenha discernimento para fazer escolhas conscientes em seus planejamentos e de desenvolver práticas pedagógicas que combatem diretamente atitudes preconceituosas. Segundo Nascimento (2022) e Silva (2021), os espaços privilegiados na mídia reproduzem conceitos racistas estando enraizados no “mito da democracia racial” (Gonzalez, 1984, p. 228). Nos estudos de Silva (2021), a mulher negra é o principal objeto de ataques racistas nas redes sociais, o que coincide com as descobertas de Michele Távora Julio (2021), que existem interconexões subjetivas de uma pedagogia da branquitude que se manifestam no cotidiano, refletindo uma sociedade educativa onde artefatos culturais, processos pedagógicos e mídias se interconectam.

O espaço escolar é um lugar de transformações sociais, mas também um espaço de reprodução de preconceitos. A educação antirracista aliada à educação midiática pode contribuir de forma eficaz no combate à desinformação e ao racismo, permitindo um cenário fértil para a problematização das estruturas existentes na sociedade que dão origem tanto à desinformação quanto ao racismo.

De acordo com Cavalleiro (2024, p. 121), “a educação antirracista é pensada como um recurso para melhorar a qualidade do ensino e preparar todos

⁵ BELLONI, Maria Luiza. A espetacularização da política e a educação para a cidadania. *Perspectiva*, n. 24.

os alunos e alunas para a prática da cidadania”. Ser antirracista é lutar e assumir um dever ético, pois “qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever, por mais que se reconheça a forma dos condicionamentos a enfrentar” (Freire, 2024, p.59).

No Brasil, a educação midiática tem avançado com algumas políticas públicas implantadas, como o projeto “Nas Ondas do Rádio”, criada em 2005 pela Prefeitura de São Paulo, trazendo “expectativas positivas para o futuro” com a “educação para uma recepção ativa e crítica das mensagens midiáticas”. O projeto de 2005 tem suas raízes nas discussões acerca da educação para as mídias no país que teve um marco inicial em 1990 com o I congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, realizado pelo NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo e coordenado por Ismar de Oliveira Soares, com o tema de “*Multimedia and Education a Globalized Word*”, o qual originou o conceito de Educomunicação, realizando um diálogo entre pesquisadores da *Media Education* com professores de sala de aula (Soares, 2014, p. 17).

O Congresso realizou debates que “permitiram que, essencialmente, a *Media Education* deixasse de ser vista como um problema meramente educativo para transformar-se num problema de natureza cultural” (Devadoss⁶ apud Soares, 2014, p. 22), o que se confirmou um tempo depois, a educomunicação ultrapassou a questão da mídia adentrando o setor cultural, facilitando a implantação de políticas públicas (Soares, 2014).

Dentro da educação, uma das reivindicações para as mídias pelo protocolo mediático é a “revisão das disfunções comunicativas oriundas das relações de poder, buscando-se formas democráticas e participativas da gestão escolar, com o envolvimento das novas gerações”. Através de projetos, esse protocolo valoriza as várias formas de expressão com a intenção de ampliar o “potencial criativo da comunidade educativa”, na qual “professores e alunos são igualmente aprendizes e igualmente educomunicadores” (Soares, 2014, p. 18).

Nesse sentido, há o “fortalecimento da capacidade de expressão de crianças e jovens”, garantindo um lugar de voz de quem socialmente é excluído (Soares, 2014, p. 18), no que podemos nos referir aos pobres, negros, índios,

⁶ DEVADOSS, Joseph Sagayaraj. **Media Education, Key Concepts, Perspectives, Difficulties and main Paradigms**. Chennai, Índia: Arubu Publications, 2006.

pessoas LGBTQIAPN+ e pessoas com deficiência. Universalizando o acesso à comunicação se concede a palavra para esses grupos marginalizados.

Considerações finais

O direito à comunicação ampliado aos atores sociais negros permitirá a palavra às demandas desses grupos e suas implicações sociais, políticas e educacionais, especificamente na aplicação de práticas antirracistas nas instituições escolares, promovendo o protagonismo negro, unido o uso de mídia, fortalecerá o impacto que essas práticas promovem na aprendizagem dos estudantes em relação aos fatores que combatem os preconceitos raciais.

A inserção da literatura negra em articulação com a mídia no contexto escolar contribui para romper com o silenciamento histórico imposto aos escritores negros, cujas produções foram por muito tempo marginalizadas no cenário literário. Além disso, essa abordagem favorece a reflexão crítica sobre formas sutis de racismo ainda presentes na sociedade e promove o reconhecimento da identidade negra como elemento essencial na construção cultural e intelectual do país.

É possível o educador atuar com práticas antirracistas promovendo a educação para a mídia, ou vice-versa, conforme discussões relatadas que tendem a potencializar ambas as práticas, desenvolvendo, dessa forma, a criticidade na produção e recepção de conteúdo dos estudantes. Trabalhar com o protagonismo negro em sala de aula por meio do texto literário aliado à mídia permite aos estudantes desenvolverem um outro olhar sobre a população negra, com respeito à diversidade se utilizando da literatura e do espaço midiático para promover a história e a cultura afrodescendente e não para disseminar discursos de ódio e preconceitos. As práticas educativas antirracista e para a mídia se complementam, e fomentar políticas públicas que viabilizam ambas é um caminho profícuo para a construção de cidadãos plenos, capazes de interagirem socialmente de forma humanizada.

Referências

BELONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, 2004. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB_7ed.pdf. Acesso em: 01 mai. 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 7. ed. Brasília, Brasil, 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** 7 ed. São Paulo: Selo Negro, 2024.

CUNHA, Rubens da; MARTINS, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira. Mornas eram as noites e Mulheres sagradas: uma travessia transatlântica entre Dina Salústio e Aidil Araújo Lima. **Revista Criação & Crítica**, n. 27, p. 72-94, 2020. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171766>. Acesso em: 12 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Trad. Lilian Lopes Martin. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs**, Rio de Janeiro, p. 223-244, 1984. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 02 Jul. 2024.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Trad. Daniel Miranda e William de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2º ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** Trad. Susana Alexandria. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2022.

JULIO, Michele Távora. **Pedagogia da branquitude: o branco-discurso hegemônico nos artefatos midiáticos.** Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/27137>. Acesso em 20 abr.

2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KINCAID, Jamaica. **At the bottom of the river**. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Trad. Maria Immacolatta Vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2023.

MARY. Girl - Jamaica Kincaid Audio. **YouTube**. 20 abr. 2018.

NASCIMENTO, Paulo César. **Ecoando vozes subalternizadas**: uma experiência de/colonial e antirracista de educação linguística em sala de aula de ensino médio. Dissertação. Goiás, GO, 2022. Disponível em: https://www.bdttd.ueg.br/bitstream/tede/1270/2/DISSERTACAO_PAULO_CESAR_NASCIMENTO.pdf. Acesso em: 08 Jun. 2024.

RAMOS, E.; KINCAID, J. "Girl", de Jamaica Kincaid. **Cadernos de Literatura em Tradução**, [S. l.], n. 8, p. 121-126, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49431>. Acesso em: 11 Jun. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTA CATARINA. **Currículo base da educação infantil e do ensino fundamental do território catarinense**. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2019.

SILVA, Fabio Antonio Abreu da. **Racismo Digital**: Limites e desafios de um campo em construção. 2021. 81p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares)- Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2021. Disponível em: <https://tede.ufrjr.br/jspui/bitstream/jspui/6461/2/2021%20-%20F%c3%a1bio%20Antonio%20Abreu%20da%20Silva.pdf>. Acesso em 08 Jun. 2024.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e educação midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, ano XIX, n. 2, jul-dez, 2014.